



ATnaRede: um projeto de ensino, pesquisa e extensão na perspectiva de desinstitucionalização da loucura

Analice Palombini; Vera L. Pasini; Mariana Morás

Instituto de Psicologia, Assistência Social, Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - IPSSCH/UFRGS

E-mail: verapasini@gmail.com

Resumo

Apresentamos o Programa de Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública – ATnaRede –, vinculado ao Instituto de Psicologia da UFRGS, que completa 26 anos em 2024. O Acompanhamento Terapêutico (AT) é uma modalidade clínica que acompanha o sujeito no seu cotidiano, favorecendo a circulação social e a ampliação de redes e possibilidades de vida. O programa articula ensino, extensão e pesquisa, reunindo extensionistas, estagiários e pós-graduandos que acompanham usuários do SUS e de políticas públicas intersetoriais. Ao longo dos anos, cerca de 300 estudantes de psicologia iniciaram sua prática clínica nesse contexto, beneficiando igualmente um número similar de usuários e familiares, o que contribuiu para a ampliação dos laços sociais dos acompanhados e para a redução de internações psiquiátricas. Os resultados afirmam a potência do AT como uma tecnologia clínico-política na saúde mental, além de ser uma estratégia importante para a formação profissional no campo da saúde e para a educação permanente dos trabalhadores da rede de atenção psicossocial.

Palavras-chave: acompanhamento terapêutico, saúde mental, rede pública, psicologia.

Resumen

Presentamos el Programa de Acompañamiento Terapéutico en la Red Pública - ATnaRed - vinculado al Instituto de Psicología de la UFRGS, que cumple 26 años en 2024. El Acompañamiento Terapéutico (AT) acompaña al sujeto en su vida cotidiana, favoreciendo la circulación social y la ampliación de redes. El programa articula enseñanza, extensión e investigación, reuniendo a extensionistas, pasantes y posgraduados que apoyan a usuarios del SUS y políticas públicas intersectoriales. Aproximadamente 300 estudiantes de psicología han iniciado su práctica clínica en este contexto, beneficiando a un número similar de usuarios y familiares, lo que ha contribuido a fortalecer los lazos sociales y reducir las internaciones psiquiátricas. Los resultados destacan la potencia del AT como una tecnología clínico-política en la salud mental y su importancia para la formación profesional en el campo de la salud y la educación permanente de los trabajadores de atención psicosocial.

Palabras clave: acompañamiento terapéutico, salud mental, red pública, psicología.

Introdução

Vinculado ao Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da UFRGS, o Projeto de Extensão Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública – *AtnaRede* teve origem em 1996, junto ao Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) CAIS Mental Centro, da Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre, estabelecendo-se como projeto continuado de extensão universitária a partir de 1998, por iniciativa de Analice de Lima Palombini, coautora deste artigo, recém-ingressa como docente na universidade, após ter atuado como psicóloga junto à rede municipal de Porto Alegre, em especial nesse CAPS. Coordenado por essa professora e contando com a colaboração eventual de colegas do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia, desde 2014 o projeto pôde expandir suas atividades com o ingresso, na equipe de coordenação, de Vera Lúcia Pasini, também coautora deste artigo, então docente recente na universidade, mas com longa trajetória de atuação na saúde mental como trabalhadora do Sistema Único de Saúde (SUS).

Em parceria com serviços da rede de atenção psicossocial e intersetorial de Porto Alegre, o projeto visa à construção de novos modos de encontro entre os serviços que prestam atendimento (em saúde mental e outras políticas públicas) e seus usuários, por meio da ferramenta do acompanhamento terapêutico (AT) – modalidade da clínica que se propõe a acompanhar um sujeito no

seu cotidiano, favorecendo a sua circulação social e a ampliação de suas redes e possibilidades de vida.

Como espaço de articulação entre as experiências de estágio curricular, ensino, extensão e pesquisa, o projeto reúne, a cada ano, um grupo variado de extensionistas, estagiários de graduação, residentes e pós-graduandos, que realizam acompanhamento terapêutico de usuários encaminhados por diferentes serviços da rede intersetorial de atenção psicossocial (Saúde, Assistência Social, Justiça, Educação), contando com um turno semanal na universidade, onde é realizada a discussão dos casos em acompanhamento, visando a dar suporte às ações realizadas; seminários teórico-práticos; e reuniões com os serviços e gestores parceiros na realização das atividades. Nos últimos anos, cada edição do projeto conta com cerca de quinze acompanhantes terapêuticos que, no período de um ano, realizam o acompanhamento de um usuário da rede intersetorial, perfazendo, a cada ano, cerca de vinte usuários acompanhados.

O trabalho desenvolvido se propõe a uma relação de cuidado diferenciado, em especial com aquelas pessoas em situação de adoecimento psíquico grave, de forma que a loucura de que padecem possa ser compreendida como diferença e não como anormalidade. Nesse processo de busca pela alteridade, vão se produzindo outras possibilidades de apresentação, tanto para os acompanhados como

para os estudantes e profissionais em processo de formação. Em outro trabalho (Palombini, 2008, p. 23), apontamos que

(...) a clínica da psicose, na atualidade, tem implicado uma transposição do espaço imóvel e fechado do hospital para o terreno vivo, múltiplo e cambiante da cidade, impondo à prática profissional em saúde mental o esforço de buscar pontos de articulação entre os modos de experiência social do espaço e do tempo e a constituição espaço-temporal própria à psicose.(...) a modalidade clínica do AT pode favorecer o surgimento de pontos de contato entre essas duas dimensões por se situar nesse espaço intermediário entre a referência institucional para o psicótico e o seu acesso à via e aos lugares públicos

Com essa perspectiva clínica, o projeto acolhe as demandas de AT dirigidas a processos de desinstitucionalização ou que visem impedir uma institucionalização, seja de egressos dos manicômios ainda vigentes entre nós, seja de usuários dos serviços da rede de atenção psicossocial, seja de usuários da rede intersetorial ou de pessoas em grave sofrimento psíquico, alijadas das redes de saúde. Para além da oferta de cuidado, tem como objetivo oportunizar uma formação no âmbito da Saúde Mental Coletiva, entre profissões e interdisciplinar, em que se articulem domínios de conhecimentos e práticas da atenção

psicossocial vinculados às transformações sociais decorrentes dos processos de desinstitucionalização, dessegregação e inclusão, em especial no campo da reforma psiquiátrica. Propõe-se, ainda, a produzir articulação e ações conjuntas entre os espaços de formação no âmbito da graduação e da pós-graduação.

Fundamentação teórico-metodológica: A reforma psiquiátrica e a experiência da clínica em movimento

A Reforma Psiquiátrica Brasileira deu início às transformações na atenção em saúde mental no país há mais de vinte anos. Desde a primeira lei estadual, o modelo de atenção migrou progressivamente de uma atenção centrada no hospital psiquiátrico para uma rede de serviços com diferentes complexidades de atenção, voltados ao território do usuário. Essas mudanças inauguraram diferentes práticas territoriais e novos saberes em saúde (Paulon, Oliveira e Fagundes, 2018).

As ações preconizadas pelas políticas de saúde mental, em consonância com a Reforma



Imagem 1 - Logomarca do projeto ATnaRede, produção coletiva dos participantes

Fonte: Autores, 2024

Psiquiátrica Brasileira, colocaram em obra a criação, em municípios de todo o país, de uma série de dispositivos e serviços substitutivos ao manicômio, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), a atenção em Saúde Mental da Atenção Básica, as Oficinas de Geração de Renda e os Residenciais Terapêuticos (Brasil, 2011), articulados, juntamente com outros níveis de atenção em saúde, em redes de atenção psicossocial (RAPS), e associados, intersetorialmente, com outros campos das políticas públicas (educação, assistência social, trabalho, cultura). Os resultados obtidos por esse trabalho em rede mostraram-se, desde sempre, bastante positivos, dando mostras da potência de transformação contida em uma política de reforma da saúde mental consolidada a partir do SUS. Muito haveria ainda para avançar na expansão dessa rede, no seu financiamento e na formação de trabalhadores.

Contudo, desde os anos 2010, e especialmente nos anos pós-golpe jurídico-midiático que derrubou a presidenta Dilma Rousseff, o Brasil viveu retrocessos profundos em todos os âmbitos das políticas públicas, incluindo a política de saúde mental, que, nesses anos, revigorou o manicômio e fortaleceu a lógica médico-centrada, medicamentosa, do tratamento. O retrocesso experimentado apenas torna maior ainda o desafio, que nunca foi pequeno, da formulação e aperfeiçoamento de estratégias clínico-políticas, com ênfase nas ações intersetoriais, articuladas às redes de inclusão social e de garantia dos direitos humanos. É preciso, ainda, fomentar a experimentação dessas estratégias nas formações de trabalhadores em serviço e nas formações universitárias, nos percursos de graduação das profissões da saúde e nas residências multiprofissionais, articulando ensino, gestão, atenção e controle social em saúde, na perspectiva requerida pelas políticas públicas preconizadas pelo SUS (Ceccim e Feuerwerker, 2004).

O Acompanhamento Terapêutico – entendido como uma “clínica sem muros”, que se realiza no espaço urbano, entre lugares (Palombini, 2007) – tornou-se emblemático do contágio das disciplinas da saúde com o espaço e tempo da cidade, no

momento em que a reforma psiquiátrica impôs o deslocamento de seus profissionais, do âmbito fechado do hospital para o espaço aberto e múltiplo da cidade. No momento atual, de reconstrução e avanço contra os retrocessos do passado recente, o Acompanhamento Terapêutico se reafirma como uma das estratégias a fazer operar um cuidado em saúde mental em liberdade.

A prática do Acompanhamento Terapêutico, inserida em espaços da cidade e no cotidiano dos serviços, vem, ao longo dos anos, beneficiando um número expressivo de usuários desses serviços e suas redes familiares, possibilitando a ampliação de seus laços sociais e reduzindo o número de internações psiquiátricas. Ao mesmo tempo, faz-se acompanhar de efeitos institucionais importantes, ao trazer para dentro do serviço um conjunto de informações novas, relativas ao contexto da vida cotidiana daquele usuário, implicando um outro olhar sobre o mesmo, exigindo da equipe reposicionar-se com respeito ao caso e na relação entre seus membros, como coletivo de trabalho. Como referem Cabral e Belloc (2008, p. 111):

O AT é uma modalidade clínica que utiliza o espaço público da cultura como dispositivo para o ato terapêutico. O trabalhador de saúde que o aplica em sua prática circula com o usuário pelo tecido social, facilitando a emergência de um encontro. Ele torna-se, assim, testemunha do processo de transformação desencadeado, criando outros espaços possíveis para o dito “louco” na cidade. A cidade é, nesse sentido, também protagonista da cena, junto com o acompanhado e o acompanhante; da cena fazem parte todos os elementos do urbano: seus sons, movimentos, transeuntes, cores, cheiros e até alguns aspectos ou recortes que a maioria da população nem percebe, mas que estão lá, no urbano, à espera de serem visualizados.

Vale ressaltar que o controle social, por meio da IV Conferência de Saúde Mental – Intersetorial (Brasil, 2010), aprovou e legitimou a prática do acompanhamento terapêutico como estratégia de consolidação da rede e em consonância com os novos rumos desejados para a saúde mental, como explicitado em seu relatório final, no Eixo II:

Consolidar a Rede de Atenção Psicossocial e Fortalecer os Movimentos Sociais – Sub-eixo: Práticas Clínicas no Território, item 337 (p. 68).

Incentivar, fortalecer e ampliar o financiamento de ações no território como o Acompanhamento Terapêutico, as ações/estratégias de redução de danos e atenção domiciliar, considerando a cultura local, para viabilizar o acompanhamento do usuário de forma itinerante, atendendo às suas particularidades e necessidades específicas.

Dessa forma, o Projeto ATnaRede aproxima-se dessa premissa, possibilitando aos estudantes envolvidos a construção de novos modos de encontro entre os serviços que prestam cuidado à saúde mental e seus usuários, favorecendo sua circulação social, bem como a ampliação de seus laços e possibilidades de vida.

Resultados: alguns efeitos do percurso...

Até o momento, somados 26 anos de funcionamento, este projeto propiciou a cerca de 300 estudantes do curso de Psicologia (graduandos e pós-graduandos) a iniciação de sua prática clínica a partir da lógica dos serviços substitutivos, tendo a cidade como matéria dessa clínica. Beneficiou, assim, um número equivalente de usuários e de suas redes familiares, possibilitando a ampliação de seus laços sociais e a redução do número de internações psiquiátricas.

Desde que iniciou suas atividades, o Projeto obteve uma repercussão bastante positiva junto à rede com a qual interage. Tem atendido não somente à demanda dos serviços especializados da rede municipal, mas também, em momentos diversos, à proposta de desinstitucionalização do Hospital

Psiquiátrico São Pedro (em 1999), ao Serviço Residencial Morada São Pedro, vinculado ao mesmo hospital (em 2005 e 2006), à interface com as escolas especiais da rede municipal de educação (em 2002 e 2003), ao CAPS e Ambulatório de Esquizofrenia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (em 2001 e 2004), à Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS (em 1999, 2000, 2001 e 2005), à rede de serviços de saúde mental do município de Novo Hamburgo (2006) e à rede intersetorial de atenção psicossocial de Porto Alegre ao longo desses anos de trabalho.

O desenvolvimento desse trabalho tem possibilitado a



Imagem 2 - Encontro de integrantes do Projeto ATnaRede, imagem registrada com dispositivo automático de câmera de celular

Fonte: Autores, 2024

publicação de livros significativos sobre o tema, como também um número importante de artigos acadêmicos e capítulos de livros, participações em congressos e outros eventos, além de subsidiar pesquisas em nível de mestrado e doutorado que favorecem uma maior difusão e a multiplicação dessas experiências em outros municípios e estados do país. A experiência acumulada contribuiu – e segue contribuindo – com a implantação de projetos similares, como os Cursos Básicos de Capacitação para o Acompanhamento Terapêutico, da Escola de Saúde Pública do RS, voltados para trabalhadores do nível médio, básico e superior da rede de serviços de saúde (em 2000, 2001 e 2002, e também em 2022), a assessoria à equipe do Projeto Morada São Pedro (em 2002), e, ainda, o Projeto de Acompanhamento Terapêutico da Universidade Federal Fluminense (2005), com o qual foi estabelecida parceria, possibilitando o cotejamento da experiência que realizamos na cidade de Porto Alegre, junto a serviços da rede municipal e estadual de saúde, e a experiência levada a cabo pelo projeto da UFF, no contexto da rede pública de serviços de saúde mental em municípios do estado do Rio de Janeiro. Tal parceria resultou na realização de dois eventos conjuntos – em outubro de 2005, em Porto Alegre, e em janeiro de 2006, em

Niterói –, sob o nome *Colóquio em dois movimentos. De Porto Alegre a Niterói: acompanhamento terapêutico e políticas públicas de saúde*, possibilitando o encontro e a troca de experiências entre os acompanhantes terapêuticos da UFRGS e UFF. Esses eventos inauguraram uma rede de conversações que ganhou força anos depois, reunindo grupos universitários de pesquisa e extensão com atuação em AT junto à rede de políticas públicas em municípios de diferentes estados do país.

Assim, nos anos de 2015, 2018 e 2019, foram realizados encontros de projetos de extensão vinculados a universidades – os dois primeiros em Porto Alegre, na UFRGS, e o terceiro em Florianópolis, na UFSC. Nessas oportunidades, integrantes de projetos que desenvolvem AT no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Ceará compartilharam experiências e debateram situações cotidianas vividas no exercício do AT, visando qualificar suas ações. Desses encontros, resultaram dois e-books publicados pela editora Rede Unida: *Acompanhamento Terapêutico, Universidade e Políticas Públicas: redes de conversações* (2019) e *Linhas do Tempo: Acompanhamento terapêutico e Rede Pública* (2022).



Imagem 3 - Alguns materiais gráficos e capas de livros produzidos no Projeto ATnaRede
Fonte: Autores, 2024

Além disso, a parceria entre projetos de diferentes universidades teve participação em dois eventos de caráter nacional no âmbito da Psicologia e da Saúde Mental. Em 2020, por ocasião do 7º Congresso Brasileiro de Saúde Mental – Virtual, organizamos um Fórum aberto de discussão sobre AT e Racialidade. Em 2023, na programação do XXII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (ENABRAPSO), realizado em Niterói, Rio de Janeiro, constituímos o grupo de trabalho (GT) “Acompanhamento Terapêutico como dispositivo de análise e cuidado em redes de atenção psicossocial e intersetorial”, em parceria com grupos de AT da PUC-SP e da UFU-MG.

Considerações finais

Ao longo dos anos de seu desenvolvimento, a experiência deste projeto tem comprovado a efetividade da prática do acompanhamento terapêutico como dispositivo potente de formação no curso de graduação em Psicologia da UFRGS, ao ponto de sua incorporação à grade curricular do curso e sua disseminação como prática de estágio articulada a vários serviços da rede de atenção psicossocial e intersetorial de Porto Alegre. A presente proposta

apresenta, como diferencial, o fato de não estar vinculada estritamente a um serviço específico de saúde, oferecendo-se como uma espécie de “central de AT” voltada ao atendimento de demandas diversas na cidade, com ênfase nos processos de desinstitucionalização, permitindo, aos estagiários, extensionistas e demais profissionais participantes, um olhar amplo sobre a experiência da reforma psiquiátrica na cidade e a efetivação das redes de atenção psicossocial (PALOMBINI, 2006; 2007). Assim, além da formação profissional, a experiência do projeto possibilita aos extensionistas uma formação cidadã crítica aos processos de exclusão que estão presentes em nossa sociedade, na relação com os usuários de saúde mental, abrindo-se para a criação de uma sociedade mais hospitaleira à diferença.

Por fim, o Acompanhamento Terapêutico se apresentou também, em nossa experiência, como um método, um meio de pesquisa através do qual se coloca em análise a clínica, levada ao seu limite; a reforma psiquiátrica, em seus efeitos sobre os serviços e as comunidades de cada território; a intersetorialidade, em sua (des)articulação em redes territoriais de cuidado (PALOMBINI, 2022). ◀

Referências Bibliográficas

BRASIL. *Sistema Único de Saúde*. Conselho Nacional de Saúde. Comissão organizadora da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial. *Relatório Final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial*. Brasília: Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, 2010.

CABRAL, K. V.; BELLOC, M. M. O acompanhamento terapêutico como dispositivo da reforma psiquiátrica: duas experiências em saúde mental coletiva. In: PALOMBINI, A. de L. *Acompanhamento terapêutico na rede pública: a clínica em movimento*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 14, n. 1, p. 41–65, jan. 2004.

PALOMBINI, A. de L. Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. *Psychê: Revista de Psicanálise*. Edição especial temática Acompanhamento Terapêutico. São Paulo: Unimarco, ano X, n. 18, p. 115-127, set. 2006.

PALOMBINI, A. de L. Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade – contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2007.

PALOMBINI, A. de L. Introdução. In: PALOMBINI, A. de L. *Acompanhamento terapêutico na rede pública: a clínica em movimento*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

PALOMBINI, A. de L. Linhas do tempo. In: *Linhas do tempo: acompanhamento terapêutico na rede pública*. Organização: PALOMBINI, A. L.; PASINI, V. L.; ECKER, D. D. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2022.

PAULON, S.; OLIVEIRA, C. S. de; FAGUNDES, S. M. S. (Orgs.). *25 anos da Lei da Reforma Psiquiátrica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2018.